



A preocupação primeira de Lucas foi situar os nascimentos de João, ocorrido no tempo de Herodes, o Grande (37 a 4 antes da Era Comum), e o de Jesus, na época de César Augusto (31 a.E.C. a 14 da Era Comum). Ambos ocorrem na Judeia. Com essas informações, os cristãos do Império Romano poderiam entender de forma política e teológica o nascimento e a morte

de João e de Jesus. No entanto, a data do nascimento de Jesus parece ser, segundo as pesquisas, entre os anos sete e seis antes da E. C. Parece confuso, mas é fácil entender. Dizer antes e depois de Cristo foi uma convenção, um novo cálculo das datas da história, a partir da pessoa de Jesus, feita pelo monge Dionysius Exiguus (470-544), a pedido do papa Gregório I (540-604), daí calendário gregoriano. Antes

se contava a história em função da fundação de Roma. Por isso, dizia "Era Romana". Houve um erro na passagem de uma era para outra. Jesus não nasceu no dia 24 de dezembro. Ninguém registrou seu dia natalício. Posteriormente, os cristãos escolheram a data porque, nesse dia, se comemorava, no Oriente, a festa pagã do deus invicto. Nesse dia, o Sol aparecia em menor intensidade, mas não se apagava por

completo. Vinte e quatro de dezembro se parece ao nosso 23 de junho. Ao escolherem o dia 25 de dezembro, os cristãos, cristianizando a festa pagã, estavam afirmando ao mundo: "Jesus é a Luz que nunca se apaga". Aliás, nesse sentido, vale lembrar que o substantivo Deus, em sânscrito, se diz *Dew*, e quer dizer 'Luz'. Dizer ao outro: "Bom dia!" é o mesmo que dizer: "Que a Luz esteja com você durante todo o

dia". "Que Deus (Luz) o(a) acompanhe!" Deus é Luz! Assim fica fácil entender por que Natal é tempo de a Luz brilhar no coração do mundo.

Belém é o local do nascimento teológico de Jesus, para fazer, assim, coincidir com o local do nascimento do rei Davi (1040-970 a.C.).¹ O recenseamento, realizado quando Públio Quirino (51 a.C.-21 d.C.) era governador da Síria, ocorreu de oito a seis anos antes

do nascimento de Jesus (cf. Lc 2,2). A comunidade de Lucas quis conformar Belém, a casa do pão (*Bet lehem*), com o que anunciará o profeta: "E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá, porque de ti sairá o guia que há de apascentar o meu povo, Israel" (Mt 2,6). Em Belém, o Filho de Deus foi envolto em faixas e colocado em uma manjedoura (lugar em que os animais comiam). Esse ►

O nascimento teológico de Jesus em Belém



Estrela de Belém, Reis Magos, autor desconhecido

fato foi significativo teologicamente para o nascimento da futura Igreja. Como compreender tal afirmação? É simples. Manjedoura, em grego, diz-se *fatné*, termo usado para expressar ‘toda cavidade aberta em uma superfície de um terreno vertical ou inclinado’. Em aramaico, *fatné* é *Kepha*, e significa, de forma correlata, ‘gruta escavada na rocha’, isto é, buraco formado a partir da escavação feita pelos trabalhadores nas rochas, para daí tirarem blocos de pedras para a construção civil. O hebraico usa o substantivo *Kaf* para dizer ‘palma’ ou ‘cavidade da mão’. A letra “c” do alfabeto português é uma variação do “k” e representa justamente uma curvatura, uma cavidade que oferece aconchego e refúgio.

Os pobres moravam nessas grutas. As *Kephas* eram numerosas nos lugares desertos. Bandidos e até mesmo refugiados de guerra se escondiam nas *Kephas* (cf. Jr 30,1-14). *Kepha* traduz também o substantivo grego *Pétros* (Pedro) e está ligado ao nascimento de Jesus. Mais tarde, Ele se lembra disso, quando diz a Pedro: “Tu és caverna escavada na rocha, e ‘sob’ (debaixo) essa caverna, onde vivem os pobres, aí edificarei a minha Igreja” (Mt 16,18). Assim, esse sentido de *Kepha* muda completamente a tradicional tradução: “Tu és Pedro, e ‘sobre’ (acima)

essa pedra edificarei a minha Igreja”. O nascimento de Jesus em Belém serviu para colocar os alicerces da Igreja. Ele nasce pobre para libertar os pobres. Pedro continua rocha e caverna, casa dos pobres, periferia do mundo, onde as igrejas devem anunciar a libertação.

De outra forma, afirmar que Jesus nasceu em Nazaré é mais lógico. Os semitas chamavam Jesus e Seus seguidores de nazarenos ou nazareus, pelo fato de o movimento ter origem na cidade de Nazaré. No mundo greco-romano, nazareno prevaleceu como apelativo cristão para os seguidores de Jesus. Nazaré era a cidade predileta dos primeiros cristãos. Em hebraico, o substantivo feminino Nazaré diz-se: *Notseret*. Seu significado é: ‘aquela que guarda’. Guardar, em hebraico, diz-se *Notser*. A história de Israel sempre foi marcada pela presença de Deus, Aquele que guarda (*Notser*) por mil gerações Sua bondade e, por três mil gerações, Seu amor. Os judeus rezam na liturgia do “Dia do Perdão” (*Yom Kippur*), no início de um novo ano, esse modo de Deus guardar Seu amor e Sua bondade para com todos nós.

Para os cristãos “da primeira hora”, dizer e saber que Jesus vinha de Nazaré possuía um significado todo especial. Ele foi guardado por Deus

e dado a Seu povo escolhido. Nazaré guarda e guardará eternamente Jesus de Nazaré. Saber disso é compreender o que dissera o salmista: “O Senhor nos guarda como a pupila dos seus olhos” (Sl 17[16],8). Ao dizer a letra *nun* (ene) de *Notseret* (Nazaré), o cristão e também o judeu evocam a lembrança de Deus, Aquele que guarda.

Nazaré (‘Aquela que guarda’) guarda a encarnação de Deus no meio de nós. Ser cristão é ser nazareno. Ser nazareno é ser o guardador do mistério de Deus, que fez Sua morada no meio de nós. Em Jesus, somos todos e todas de Nazaré. Da vida do Menino Jesus em Nazaré, diz-se no evangelho de Lucas somente que Ele a viveu de forma oculta, tornando-se robusto, cheio da graça de Deus, com sabedoria e submisso aos pais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

¹ Cf. FARIA, Jacir de Freitas. *Infância apócrifa do Menino Jesus: histórias de ternura e de travessuras*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaepocrifos.com.br



Arquivo pessoal